

## **As Frentes Ribeirinhas do Estuário do Tejo no Período Pós-Industrial: o caso do concelho da Moita**

A. Fernandes<sup>(a)</sup>, J. Figueira de Sousa<sup>(b)</sup>

<sup>(a)</sup> e-GEO Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, andre.fernandes@fcsh.unl.pt

<sup>(b)</sup> Instituto de Dinâmica do Espaço/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, j.fsousa@fcsh.unl.pt

### **Resumo**

Os espaços estuarinos, em geral, e as frentes ribeirinhas, em particular, traduzem um longo e complexo processo de acumulação e sucessão de funções. Um processo despoletado pela atractividade exercida por estes espaços para a fixação humana e, por esta via, para o desenvolvimento de uma multiplicidade de actividades. No caso das frentes ribeirinhas do concelho da Moita (Estuário do Tejo), a ocupação com actividades ligadas a funções litorais, actividades agrícolas e actividades industriais moldou este território de interface terra-água. No período pós-industrial, as estratégias intervenção para estas frentes ribeirinhas reflectem esta estrutura de ocupação. Neste âmbito, a comunicação centra-se no teste da hipótese segundo a qual são predominantes as orientações conducentes (i) à requalificação dos espaços urbanos confinantes com o plano de água, e (ii) à reabilitação e revalorização ambiental das áreas ocupadas essencialmente por estruturas de antigas marinhas e moinhos de maré.

**Palavras-chave:** Período Pós-Industrial, Frente Ribeirinha, Requalificação Urbana, Estuário do Tejo

### **1. Introdução**

As condições naturais proporcionadas pelos espaços estuarinos, conjugadas com uma multiplicidade de factores germinados a diferentes escalas – i.e. factores endógenos e exógenos (cf. Corlay, 1998) –, determinaram diferentes ciclos de ocupação destes territórios de interface. Num primeiro momento as funções litorais e actividades agrícolas foram dominantes, tendo entretanto progredido as várias actividades industriais, primeiro de cariz arcaico (alicerçada na utilização das fontes naturais de energia) e, depois, moderno. É de notar que no primeiro ciclo de industrialização moderna as transformações na frente de água estão relacionadas com a utilização do carvão enquanto fonte de energia para as actividades industriais e com os avanços nas tecnologias de comunicação (Cf. Costa, 2013). Por sua vez, no segundo ciclo de industrialização moderna – com menor relevância no território em análise –, assistiu-se ao desenvolvimento da indústria petroquímica, à introdução da electricidade no processo produtivo e nas cidades, e ao início da massificação do automóvel como modo de transporte individual (Cf. Costa, 2013).

Certo é que o pós-II Guerra Mundial marcou uma profunda transformação nos paradigmas tecnológicos e territoriais, fazendo denotar os efeitos do processo de desindustrialização da economia, marcado pelo declínio da indústria pesada e por mutações assinaláveis na indústria dos transportes marítimos. No caso

das cidades portuárias, as novas lógicas de organização económica e de apropriação do espaço, que marcaram a eclosão da cidade pós-industrial, traduziram-se em profundas alterações funcionais. Neste contexto, multiplicaram-se, um pouco por todo o mundo, as operações de revitalização de frentes de água, ainda que com dimensões de intervenção muito variáveis. Um processo cuja oportunidade brotou da retirada das funções portuárias/industriais das áreas centrais das cidades portuárias. Neste sentido, Bruttomesso refere que “many cities have reacted (...) with programs of regeneration and revitalization of the run-down areas, demonstrating that they have understood that the «post industrial» phase (...) must be interpreted in a positive sense, as an opportunity for re-launching the urban economy, for trying out new objectives and new challenges” (Bruttomesso, 2001).

As dinâmicas de revitalização de frentes de água não se esgotam, porém, nos processos despoletados pelas transformações das infra-estruturas portuárias e, bem assim, confinados aos espaços portuários. É o caso das frentes ribeirinhas estuarinas, destacando-se aqui o caso do Arco Ribeirinho Sul (ARS) do Estuário do Tejo. Frentes ribeirinhas que não se apresentam como frentes de água portuárias *stricto sensu*, evidenciando particularidades (e.g. escala e natureza das intervenções, contexto territorial de inserção, características dos sítios) que não podem ser explicadas com base nos modelos e teorias centrados exclusivamente na análise dos espaços portuários (ainda que tais instrumentos sejam relevantes para a compreensão dos processos em curso).

Releva, por isso, interpretar as dinâmicas de revitalização destes territórios e compreender as especificidades dos processos aqui ocorridos/em curso. Com efeito, este trabalho tem como objecto empírico as frentes ribeirinhas do concelho da Moita (ARS do Estuário do Tejo), centrando-se no teste da hipótese segundo a qual as intervenções que subjazem a estas dinâmicas têm como directrizes (i) a requalificação dos espaços urbanos confinantes com o plano de água, e (ii) a reabilitação e revalorização ambiental das áreas ocupadas, essencialmente, por estruturas de antigas marinhas e moinhos de maré.

## 2. Método

O trabalho de investigação assentou numa abordagem qualitativa, i.e., análise documental (planos, documentos de orientação estratégica e projectos com incidência territorial nas frentes ribeirinhas do concelho da Moita) e observação directa (trabalho de campo). Relativamente aos procedimentos técnicos adoptados neste último caso, importa salientar que estes incidiram predominantemente na observação directa do objecto empírico: aferição dos usos, funções e actividades prevaletentes nas frentes ribeirinhas; análise e interpretação das dinâmicas territoriais; identificação, análise e interpretação das intervenções em frentes ribeirinhas. Tendo por base a análise da informação recolhida foi testada a hipótese de

investigação, adoptando-se para tal uma abordagem analítica orientada para a aferição da existência de evidências empíricas que permitissem a sua falsificação ou validação.

### **3. Resultados ou as Intervenções nas Frentes Ribeirinhas do Concelho da Moita**

As frentes ribeirinhas do concelho da Moita, para além da sua considerável extensão, apresentam uma configuração matizada por um recorte assinalável (donde se destacam as reentrâncias por onde penetram as calas/esteiros de Alhos Vedros, Moita e Sarilhos Pequenos), abertas sobre o Golfo do Montijo, uma subunidade individualizável do Mar da Palha pela Península do Montijo.

O eixo formado pelos núcleos urbanos da Baixa da Banheira-Alhos Vedros e da Moita, constituem as principais áreas urbanas com incidência na área ribeirinha deste concelho, a que se juntam as aglomerações da Quinta da Fonte da Prata, Gaio, Rosário e Sarilhos Pequenos, de menor dimensão. A ocupação com actividades ligadas a funções litorais (mormente salicultura), actividades agrícolas e actividades integrantes do ciclo de industrialização arcaica (com destaque para indústria moageira), favorecidas pela acessibilidade garantida pelo plano de água estuarino, moldou fortemente as frentes ribeirinhas deste concelho, prevalecendo ainda hoje as estruturas inerentes a esta ocupação, que se formulam como extensos espaços naturais (e naturalizados). Importa ainda assinalar a indústria corticeira (primeiro ciclo de industrialização moderna), com maior incidência em Alhos Vedros.

As frentes ribeirinhas deste concelho têm vindo a ser objecto de vários projectos de intervenção. Um processo que possibilitou uma gradual reapropriação deste território – após o abandono decorrente da sua obsolescência funcional –, e que foi iniciado na segunda metade da década de 1980, com a criação do Parque José Afonso (Baixa da Banheira), a que se seguiram várias outras intervenções: Jardim Manuel Jorge Raimão (Rosário), Parque de Merendas da Ponta da Areia (Sarilhos Pequenos), Núcleo de Lazer do Rosário (Rosário), Parque das Canoas (Gaio) e Parque das Salinas (Alhos Vedros). Na sequência destas intervenções de requalificação urbana, centradas na criação de equipamentos/espaços verdes de referência nas frentes ribeirinhas, com vista à sua fruição e apropriação social, iniciou-se na década de 2000 um novo ciclo de intervenções neste território, orientadas pela “Carta Estratégica do Concelho da Moita – Moita 2010” e pelo “PROTEJO – Programa de Valorização da Zona Ribeirinha do Concelho da Moita”.

Em 2004, com o apoio do Programa Polis, foi encetado um conjunto de acções de requalificação da envolvente à Caldeira da Moita (frente ribeirinha da Vila da Moita), tendo como objectivos: (i) dar resposta a novos usos e actividades lúdicas, desportivas e culturais fundamentais para a melhoria dos padrões de vida urbana; (ii) conter e inverter a decadência e degradação das zonas ribeirinhas economicamente desactivadas e socialmente subutilizadas; e, (iii) criar novas tipologias de espaços urbanos qualificados pela relação com o estuário como espaço diferenciado, diversificado e unitário na

estrutura metropolitana (CMM, 2003). Esta operação centrou-se no reperfilamento da Av. Marginal, na criação de novas áreas de estacionamento e na requalificação do espaço público (e.g. pavimentação, iluminação pública, mobiliário urbano e arborização). Neste âmbito, importa destacar o alargamento da área pedonalizada, a criação do passeio ribeirinho/ciclovia e a introdução de mobiliário urbano de suporte à estadia e contemplação, que vieram favorecer a fruição da frente ribeirinha para fins de recreio e lazer.

Mais recentemente (2008) foi apresentada uma candidatura ao PORL 2007-2013 tendo como principal objectivo a requalificação e revalorização da frente ribeirinha compreendida entre o núcleo urbano da Moita e a Praia do Rosário (correspondente à Zona 4 do PROTEJO): Operação de Valorização Integrada da Zona Ribeirinha da Caldeira da Moita à Praia do Rosário. Integralmente aprovado, são de destacar as seguintes acções contempladas pelo projecto:

- Intervenção na Caldeira da Moita – consistiu na demolição parcial do dique, construção de um novo açude mais a montante (junto ao Cais da Moita) e realização de dragagens, com o objectivo de resolver os problemas de assoreamento no canal de acesso ao Cais da Moita e, assim, melhorar as condições para a prática de actividades náuticas de recreio, lazer e desporto.
- Preservação paisagística e refuncionalização de marinhas (Pequena e Freira) – tendo como área de intervenção um território de elevada sensibilidade ecológica e paisagística, o projecto contemplou duas vertentes de intervenção. Uma consistiu na reabilitação de antigas marinhas, visando a conservação dos valores naturais e paisagísticos em presença, assim como a sua revalorização para fins de sensibilização ambiental e para o património. Este projecto foi materializado no “Sítio das Marinhas – Centro de Interpretação Ambiental”. Outra vertente consistiu na consolidação das margens e reabilitação de percursos pelas estruturas integrantes das marinhas, criando assim uma rota que proporciona a interpretação dos métodos tradicionais de extracção de sal e da paisagem.
- Núcleo de Apoio Náutico do Gaio – esta intervenção consistiu na instalação de um cais flutuante no Parque das Canoas (Gaio), visando a melhoria das condições de apoio às actividades náuticas de recreio e lazer, incluindo a criação de condições de suporte às actividades marítimo-turísticas.
- Mobilidade Ecológica – este projecto consistiu na criação de um percurso pedonal e ciclável entre o núcleo urbano da Moita e a Praia do Rosário. Para além de se constituir com uma infra-estrutura de suporte às deslocações interurbanas de curta distância e de apoio à prática desportiva, este percurso propicia a fruição da paisagem ribeirinha e o contacto com os valores naturais e culturais em presença, estando ainda dotado de pontos de apoio e de contemplação.

#### **4. Discussão ou as Frentes Ribeirinhas do Concelho da Moita no Período Pós-Industrial**

A análise das directrizes estabelecidas pelos instrumentos de planeamento territorial e documentos estratégicos com incidência no território em apreço, assim como o conjunto de projectos concretizados, torna evidente a prossecução de duas grandes linhas de intervenção na revitalização das frentes ribeirinhas do concelho. Algo indissociável do substrato territorial sobre o qual se têm operado estas intervenções.

A primeira remete para a requalificação das frentes ribeirinhas dos espaços urbanos confinantes com o plano de água estuarino. Sobre esta dimensão importa ter presente que, na transição para o período pós-industrial, a forma dos núcleos urbanos ribeirinhos contribuía para a formação de um “efeito barreira”, porquanto o seu traçado reforçava a separação entre o tecido urbano e o interface com o plano de água estuarino, como é o caso da Vila da Moita. Por outro lado, importa não descurar que estes territórios constituíam um “lugar de trabalho”, suporte de múltiplas actividades económicas. Contexto que favoreceu uma descontinuidade entre o tecido urbano e a frente ribeirinha (traduzindo uma relação estreita entre a forma urbana e a função do território), fazendo da frente ribeirinha um território pouco atractivo (e.g. Moita, Alhos Vedros). A poluição associada ao desenvolvimento de algumas destas resultou ainda na degradação da qualidade ambiental do estuário, aspecto subsidiário da desqualificação da frente ribeirinha.

Tais especificidades territoriais foram determinantes para a natureza das opções de intervenção, focadas na sua requalificação e, bem assim, na procura de soluções potenciadoras da melhoria da articulação urbanística e funcional destes territórios com o plano de água e tecido urbano adjacente. É o caso das intervenções levadas a cabo na frente ribeirinha da Vila da Moita e Baixa da Banheira (Parque José Afonso). Desta forma, procurou-se criar condições para a sua fruição (vocacionada predominantemente para o recreio e lazer) e afirmação como espaço diferenciado, capaz de se constituir como nova centralidade qualificadora do tecido e vida urbana, tirando partido da presença do elemento “água” e do enquadramento paisagístico proporcionado pelo plano de água estuarino.

Quanto à segunda linha de intervenção, esta remete para operações focadas na revalorização ambiental de espaços naturais e naturalizados. As áreas que não sofreram alterações significativas decorrentes de processos antropogénicos, preservando por isso as suas características naturais, assim como as áreas ocupadas por actividades tradicionais que ocorreram durante o período de desenvolvimento das funções litorais e ciclo de industrialização arcaica (nomeadamente as áreas ocupadas por estruturas de antigas marinhas e caldeiras de moinhos de maré) – constituem-se com o suporte privilegiado para prossecução deste tipo de intervenções. A intervenção de preservação paisagística e refuncionalização da marinha Pequena, a proposta de manutenção das actividades agrícolas e protecção do ecossistema estuarino no corredor Rosário-Sarilhos Pequenos (PROTEJO) e a proposta de manutenção dos ecossistemas estuarinos no corredor Quinta da Fonte da Prata-rio da Moita (PROTEJO), são disso exemplo.

## 5. Considerações Finais

A análise do processo de revitalização das frentes ribeirinhas estuarinas do concelho da Moita deixa transparecer a influência dos ciclos de ocupação precedentes na natureza das intervenções prosseguidas no período pós-industrial.

Neste âmbito distinguem-se dois tipos de intervenções: (i) intervenções de requalificação dos espaços urbanos confinantes com o plano de água, em que é evidente a preocupação com qualificação física de frentes ribeirinhas em declínio (nomeadamente no que se refere à valorização do espaço público), criando condições para a melhoria da sua articulação com o tecido urbano adjacente, para o aumento da atractividade das áreas intervencionadas nos planos económico e social, assim como para o reforço da sua centralidade; (ii) intervenções de reabilitação e revalorização ambiental das áreas ocupadas essencialmente por estruturas de antigas marinhas e moinhos de maré, promovendo a sua utilização sustentável por parte da comunidade (e.g. recreio e lazer, infra-estruturas/equipamentos ligeiros de suporte à fruição da paisagem/valores naturais, actividades de sensibilização ambiental e patrimonial).

## 6. Bibliografia

- Bruttomesso, R. (2001). Complexity on the waterfront. In R. Marshall (Ed.), *Waterfronts in Post-Industrial Cities* (pp. 9-49). London: Spon Press.
- CMM – Câmara Municipal da Moita (1999). *Carta Estratégica do Município da Moita*. Moita: Câmara Municipal da Moita.
- CMM – Câmara Municipal da Moita (2000). *Programa de Valorização da Zona Ribeirinha do Concelho da Moita*. Moita: Câmara Municipal da Moita.
- CMM – Câmara Municipal da Moita (2003). *Intervenção Polis – Envolvente à Caldeira da Moita*. Moita: Câmara Municipal da Moita.
- Corley, J.-P. (1998). Facteurs et cycles d'occupation des littoraux. In A. Miossec (Dir.), *Géographie Humain des Littoraux Maritimes*. Condé-sur-Noireau: CNED-SEDES.
- Costa, J. P. (2013). *Urbanismo e Adaptação às Alterações Climáticas – As Frentes de Água*. Lisboa: Livros Horizonte.

## Agradecimentos

O artigo tem por base os resultados do Projecto de Doutoramento “Dinâmicas de Revitalização de Frentes Ribeirinhas no Período Pós-Industrial: o Arco Ribeirinho Sul do Estuário do Tejo”, desenvolvido com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e acolhido pelo e-GEO Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional. Entidades a quem o autor principal agradece o apoio.